

ENTREVISTA COMO FERRAMENTA NA ANÁLISE DE EVENTOS

EXTREMOS: I A PERCEPÇÃO DO PERIGO EM COMUNIDADES RURAIS

Itzayana González-Ávila¹ ; Michele Moraes Carvalho²; Masato Kobiyama³ & Daniel Jato Espino⁴

Palavras-Chave – Percepção do Perigo, Entrevista, Desastres Hidrológicos extremos.

INTRODUÇÃO

As mudanças climáticas aumentam a frequência e a intensidade de eventos climáticos extremos. Assim, desastres hidrológicos extremos estão aumentando, se tornando mais devastadores (Chaudhary, M.T.; Piracha, A., 2021). A percepção de cada pessoa sobre os perigos naturais como inundações, enchentes, deslizamentos e vendavais depende, em grande medida, das experiências vivenciadas por ela. A memória desenvolvida em comunidade e em indivíduo, também, é um fator relevante no desenvolvimento da percepção. Integrantes mais novos das comunidades podem não ter vivenciado algumas experiências, porém a sua percepção está vinculada à memória coletiva em que se desenvolve. Como parte da avaliação de risco à eventos extremos, a percepção do perigo pode determinar a diferença entre comunidades menos ou mais vulneráveis. A preparação através da percepção dos perigos naturais, e da conscientização são de extrema importância para minimizar perda de vidas e de propriedades, quando ocorrem os desastres naturais (Chaudhary; Piracha, 2021). No Brasil, a informação relacionada a eventos extremos, em comunidades rurais, pode não ser suficiente por causa da baixa qualidade e/ou quantidade de dados. Assim, o trabalho com a comunidade deve ser desenvolvido com o intuito de resgatar aquela informação que se encontra fora dos registros do governo. Frente a isso, o objetivo deste estudo é analisar a percepção do perigo e memória sobre desastres naturais, a partir de entrevistas presenciais na comunidade tradicional Quilombola São Roque (QSR), e na comunidade Mãe dos Homens (MH), no município de Praia Grande/SC.

Comunidades de Estudo

A QSR ocupa uma área delimitada em 73,28 km². A QSR se organizou como produto da resistência social, política e cultural. No século XIX, a região caracterizava-se pela produção pecuária, e os escravizados desciam pelas escarpas para cultivar nas várzeas dos rios e nas planícies da região litorânea (Roça da Estância). A comunidade iniciou sua organização pelo chamado sistema de grotas, que consistia no assentamento de famílias ao redor dos arroios São Gorgonho, Faxinalzinho, Josafaz e do rio Mampituba. Entre os nomes das grotas encontra-se a grota Feio e a grota Escorrida, nomeadas após a enchente de 1974. Em 2003, foi criada a Associação Remanescentes de Quilombo São Roque, centrando seus esforços institucionais para garantir a realização de estudos técnicos, e para a titulação do seu território tradicional (Spaolonse, 2013).

A MH originou-se como uma comunidade descendente de colonos europeus. A comunidade não está delimitada geograficamente, sendo suas referências geográficas associadas à estrada que se comunica com Praia Grande – Centro. Há registros de que o primeiro casal a se estabelecer, na MH, assentou-se em 1840, por causa da atividade econômica derivada da rota da Serra do Cavalinho. Na década de 1950, teve um aumento de moradores devido à indústria de extração de madeira. Em 1957, foi inaugurada a primeira Serraria a vapor, por Germano Sbardeloto e Celestino Martins, e a primeira igreja da comunidade (Lummertz, 2015). Com a instituição da Unidade de Conservação

1) Universidad Federal do Rio Grande do Sul -IPH/ UFGRS, i.goavil@gmail.com

2) Universidad Federal do Rio Grande do Sul -IPH/ UFGRS, michelemoraescarvalho@gmail.com

3) Universidad Federal do Rio Grande do Sul -IPH/ UFGRS, masato.kobiyama@ufgrs.br

4) Universidad Internacional de Valencia – VIU, Espanha, djato@universidadviu.com

Parque Nacional de Aparados da Serra, em 1972, a comunidade Mãe dos Homens, da mesma forma que outras comunidades da região, tiveram que modificar sua organização. Muitas famílias da comunidade foram deslocadas de seu lugar de origem, uma vez que ocupavam áreas do Parque. No entanto, a enchente de 1974 fez com que o funcionamento da comunidade se alterasse.

METODOLOGIA

No transcurso de 2022, foram realizadas entrevistas a duas comunidades rurais: QSR e MH. Os moradores da comunidade QSR foram entrevistados em sua totalidade (31 moradias), já na comunidade MH, as entrevistas ainda são realizadas, e estão programadas até o fim de 2022. Foram selecionadas 28 entrevistas, reservando uma proporção de 50% para cada comunidade. Para o caso da comunidade QSR foi realizada a seleção aleatória de 14 moradias. As respostas registradas neste estudo pertencem, majoritariamente, a uma única pessoa, que respondia como representante da casa entrevistada. Foi solicitada a informação demográfica, classificando-os em: idosos (> 65 anos), adultos (18 – 64 anos), adolescentes (12-18 anos), crianças (2 – 12 anos) e bebês (< 2 anos). Adultos e idosos foram discriminados em mulheres e homens. A localização das moradias foi identificada mediante o uso de um GPS e registro fotográfico. A entrevista continha 35 perguntas com as seguintes indagações: i) informação demográfica; ii) percepção do perigo a inundações, deslizamentos e vendavais; iii) memória sobre desastres naturais; iv) capacidade de afrontamento e resposta; e v) percepção de mudanças no meio ambiente. Para fim do presente trabalho foram selecionadas 4 perguntas que se relacionam a informações sobre a percepção do perigo e memória de desastres naturais. As perguntas são a seguir:

- A) Você se sente seguro frente aos desastres naturais (natureza) neste local? SIM/ NÃO, Por quê?
- B) Alguém da família que vive nesta casa, já vivenciou algum evento natural como inundações, deslizamentos ou vendaval?
- C) Alguém da família que vive nesta casa, já teve alguma perda por causa desses eventos? (familiar ou econômica).
- D) Você sabe de outros eventos naturais em outros anos?

Outras perguntas de interesse geral foram realizadas como i) Há quanto tempo mora na comunidade? ii) Antes de morar na comunidade, de onde veio? e iii) Há quanto tempo mora nessa casa? As respostas foram analisadas de forma qualitativa, mediante a mineração de texto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na Tabela 1, identificam-se as informações demográficas das comunidades entrevistadas até o dia 11 de outubro de 2022, e que foram selecionadas para o presente estudo.

Tabela 1 – Informação demográfica das comunidades

Comunidade	Mulheres Adultas	Mulheres Idosas	Homens Adultos	Homens Idosos	Adolescentes	Crianças	Bebês	Número de moradores
Quilombo São Roque	9	1	14	2	4	4	2	36
Mãe do Homens	10	5	11	5	3	2	0	36

Foram analisadas 28 casas entrevistadas, e 72 moradores quantificados, contemplando as duas comunidades. Se identifica que, na comunidade MH, há um maior número de pessoas idosas comparado com o QSR. No QSR, há maior presença de jovens e crianças, que na MH. Os moradores do QSR, na maior parte dos casos, são agricultores, mesmo sendo pessoas idosas (> 65 anos). Já na comunidade MH, há uma proporção equitativa entre aposentados e agricultores. Os atuais moradores do QSR moram na comunidade há 50 anos, aproximadamente. Alguns dos motivos para morar no QSR, incluem as características do território, o sentimento de identidade e a facilidade para viver no local. Os moradores entrevistados, no QSR, geralmente, moram por cerca de 14 anos, nas residências em que foram entrevistados. Dentro do seu território é comum

transladar as casas de lugar. Frequentemente, as casas que ficam em vales encaixados, ou em corredores de vento são atingidas pelos vendavais, durante o inverno. Embora não se tenha perguntado o tipo de material de construção, de que suas residências eram feitas, observou-se que são de madeira, construídas por eles mesmos. Os moradores de MH moram na região há cerca de 56 anos, e suas casas são construídas em alvenaria, material mais firme que a madeira. A distribuição das casas entrevistadas e a distância entre as comunidades, de aproximadamente 7 km, pode ser observada na Figura 1. As características geográficas (declividade, altitude, cobertura do solo) e naturais, em que as comunidades estão inseridas, influenciam na organização destas. A comunidade QSR se caracteriza por estar em uma região de encosta, onde as altitudes oscilam entre 80 e ~300 m. A comunidade MH encontra-se na região mais de planície de inundação. As duas regiões se localizam em vales que encaixam o vento, sendo isso uma problemática recorrente para ambas as comunidades.

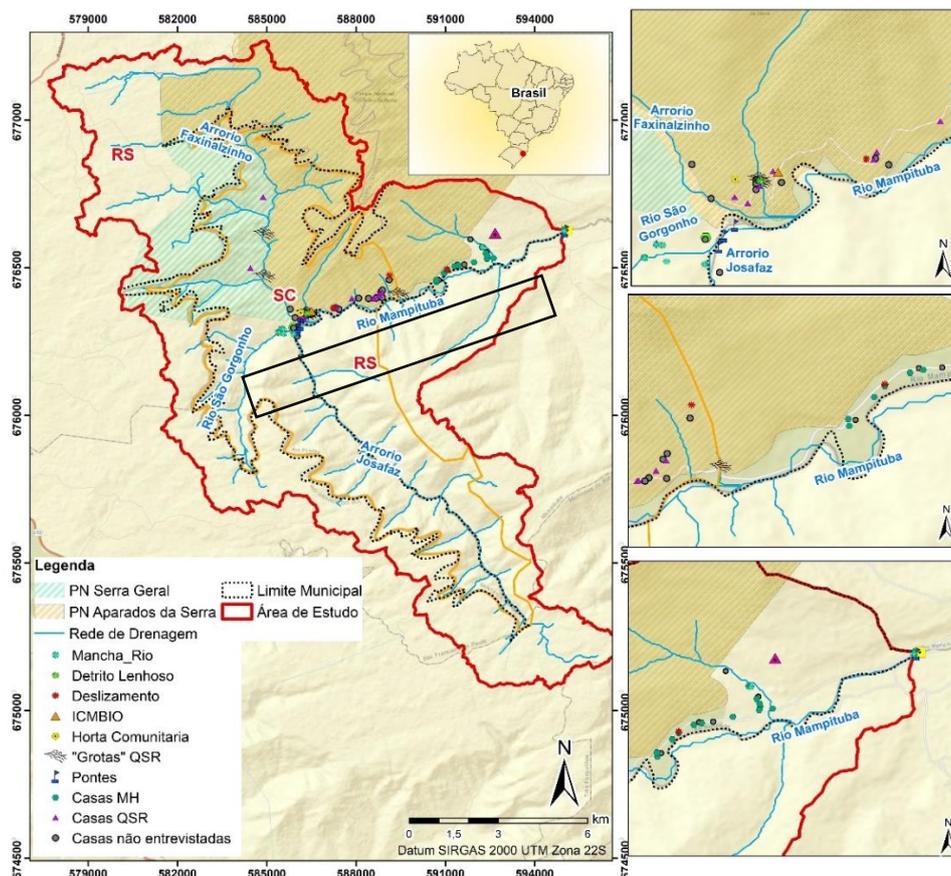


Figura 1. Área de estudo. Fonte: autoria própria.

Na comunidade MH, 9 pessoas responderam que se sentem seguras, frente a ocorrência de desastres naturais, 5 responderam que não. Das 9 pessoas que responderam, afirmativamente, 2 declararam não ter vivenciado desastres naturais (Pergunta B). As pessoas que não percebem os perigos nos vendavais, deslizamentos ou inundações na região, enxergam os vendavais ou a ampliação de vertentes (grotas), como um evento rotineiro, que não pode atingir seus bens ou bem-estar, desqualificando-os como desastres. Por sua parte, no QSR, 7 pessoas responderam que se sentem seguros, no local, em que moram, mencionando a falta de perdas significativas, quando afetados por vendavais ou inundações. Há um total de 5 pessoas que não se sentem seguras e outras duas que evadiram a pergunta. A percepção dos desastres é, parcialmente, resultado da vivência desses desastres, nas comunidades. Assim, na Figura 2, se apresentam palavras que os entrevistados mais utilizaram, ao responder as perguntas B, C e D.



pergunta B-D



pergunta C



pergunta B-D



pergunta C

QSR

MH

Figura 2. Nuvens de palavras perguntas B, C e D. Fonte: autoria própria.

As perdas, em comum, relatadas pelas comunidades são de animais de criação, cultivos e telhados. Geralmente, os prejuízos são causados pelos vendavais, que acontecem na região, e que são chamados de “Chuva de Pedras”, pelos moradores de ambas as comunidades. O termo “inundações” não é usado comumente pelas comunidades, que o substitui normalmente pelo termo “enchentes”. Os conhecimentos técnicos nem sempre chegam à população, assim, os cientistas devem encontrar uma forma para socializar esses conhecimentos e criar estratégias adaptadas as comunidades a partir deles. Logo, há uma grande dificuldade em realizar ciência aplicada, quando os conhecimentos científicos são entendidos, unicamente, por pessoas qualificadas. Como fator comum, os entrevistados das duas comunidades relataram os acontecimentos da enchente, de 1974, demonstrando que, mesmo após 48 anos, ficaram marcas na memória dos moradores. Cabe destacar que, os moradores do QSR, embora não tenham sido afetados, da mesma forma, pela enchente de 1974, residindo à cabeceira do rio Mampituba, forneceram mais detalhes do evento extremo, mencionando a palavra “enchente”, frequentemente, em suas respostas. Por sua parte, os moradores de MH lembram esse evento, como um fato doloroso, muito próximo aos seus familiares, porém deram menos detalhes, focando suas respostas, mais na ocorrência dos vendavais que vivenciam a cada ano. Isso, talvez, possa ser explicado pela tradição de comunicação oral, que ainda se mantém no QSR. Alguns entrevistados citaram outros eventos como a enchente em dezembro, de 1995, e o ciclone Catarina, em 2004. Outros comentários dos entrevistados em MH relataram a boa gestão das Unidades de Conservação, e destacaram a diminuição de deslizamentos, por causa da revegetação dos solos.

CONCLUSÕES

A partir dos resultados obtidos, por meio das entrevistas e sua análise, conclui-se que: i) A informação extraída mediante entrevistas representa a percepção dos entrevistados frente aos perigos, permitindo identificar pontos vulneráveis das comunidades relacionados à gestão de desastres; ii) as características físicas e sociais das comunidades influenciam na forma que percebem o perigo; iii) a comunicação oral é importante para reduzir a vulnerabilidade, frente a eventos extremos; iv) a percepção do risco está associada, fortemente, à memória individual e coletiva; e v) a adaptação às mudanças climáticas deve ser integrada nas estratégias de gestão do desastre. Os resultados obtidos neste estudo servirão para o avanço no entendimento do risco e sua avaliação, nas comunidades rurais brasileiras, tanto tradicionais como não tradicionais.

REFERÊNCIAS

- CHAUDHARY, M.T.; PIRACHA, A. (2021). “Natural Disasters—Origins, Impacts, Management”. Encyclopedia v. 1, p.1101-1131. <https://doi.org/10.3390/encyclopedia1040084>
- LUMMERTZ C. F. (2015). “Memorial histórico-cultural das vilas e comunidades do município de praia grande SC” in Projeto de promoção e estruturação do turismo comunitário e de valorização dos produtos associados ao turismo no entorno dos parques nacionais de aparados da serra e serra geral.
- SPAOLONSE, M. B. (2013). “Desamparados nas grotas do Estado: os contratemplos da sobreposição entre o território quilombola de São Roque e os Parques Nacionais de Aparados da Serra e da Serra Geral”. RURIS-Centro de Estudos Rurais, v. 7, n. 2.